

Juliana Matsumura Ancestral Fever

Ancestral Fever de Juliana Matsumura introduz-nos a um universo particular e inquietante, no qual se encontram reunidas questões complexas sobre a identidade e sobre a matéria das nossas representações e narrativas.

A instalação em site-specific que a artista nos apresenta, bem como a performance que a acompanha, remetem à íntima relação entre a identidade e a ancestralidade. É fácil reconhecer-lhes uma relação de interdependência, de como a ascendência se faz tão presente nas condições privadas e subjectivas de cada indivíduo, em cada corpo, em cada forma de ver e de estar no mundo... De como, conseqüentemente, as nossas experiências marcam os nossos corpos e vidas, e de como estas poderão tornar-se decisivas para a nossa descendência...

Todos compreendemos que trazemos em nós um legado genético que se manifesta na nossa fisionomia, na nossa saúde e comportamento, mas sobre a ancestralidade e aqui, mais especificamente, na hereditariedade que nela encontramos, talvez nos escape a importância das memórias das histórias que nos foram e são transmitidas. Sobre este ponto, entre as suas diferentes escalas, poderá ser interessante questionarmos sobre o quanto da nossa história nos foi contado — de onde somos e quando nascemos? Terá alguém memória de ter nascido? — Estes são bons exemplos de como a memória se constrói de modo coletivo e sobre si mesma. De como ela se torna numa “representação presente de uma coisa ausente” como disse Paul Ricoeur, de como a memória pode ser adquirida, imprimindo imagens e até simulacros nas nossas narrativas.

Será ainda de notar que quando falamos de memória, falamos de lembrança, de algo que por definição é ou se torna consciente, e que quando nos ocupamos da ancestralidade entramos num vasto domínio que se estende para além das fronteiras da consciência e da experiência pessoal ou de um só grupo. Podemos, pois, estar às portas de um imaginário partilhado, povoado por “representações coletivas” e inconscientes, nas quais os padrões do comportamento instintivo se manifestam. “Instintos” estes, como C. G. Jung lhes chamou, impessoais, universalmente distribuídos e herdados, que não obstante, informam através da penumbra as nossas interpretações da realidade.

Percebemos, assim, que quando nos dedicamos à ancestralidade não nos conseguimos distrair dela. Ela assombra-nos, vemo-la e procuramo-la em toda a parte... Ela toma conta de nós como uma febre — repentinamente ficamos mais vulneráveis, numa busca obsessiva pelos seus limites, pela sua defesa, afirmação ou rejeição.

O fantasma da ancestralidade pode ser revelador, constrangedor e até enganador.

Carregamo-lo em nós, mais ou menos adormecido, podendo manifestar-se a qualquer momento.

Tudo isto para dizer que pensar a ancestralidade e a sua febre, como creio e sinto que Juliana Matsumura nos propõe dentro da sua obra e enquadramento estético, é pensar na amplitude deste conceito e considerar as dimensões em que este se faz presente.

A sua instalação apresenta o espectro da ancestralidade, como uma entidade que repentinamente se impõe num espaço, determinando um certo ambiente. A sua experiência pretende-se imersiva, penetrando vagarosamente pelos nossos sentidos, ocupando um lugar em nós. Há um pano de fundo, um meio e um corpo. Do macro ao micro, temos uma obra que se constrói por sobreposições, por velaturas, por transparências, verticalmente estruturadas. Ela refere-se a algo que se forma de dentro para fora e de fora para dentro, em torno de um só eixo.

Andreia César, Novembro de 2023

1 Ricoeur, P. (2007) *A Memória, A História, o Esquecimento I e II*, Editora Unicamp, p. 27

2 Lévy-Bruhl, L. cit. por Jung, C. G. (1990), *The Archetypes and the Collective Unconscious*, Routledge, p. 42

3 Jung, C. G. (1990), *The Archetypes and the Collective Unconscious*, Routledge, p. 43

Ancestral Fever [instalação].

Som [loop], monotipias sobre polipropileno, aço inoxidável.

O Consultório [performance interativa]

Duração variável